

Filosofar é responsabilidade de todos

Philosophy is responsibility of everybody

Paulo Romualdo Hernandez

Faculdade Unopec Sumaré

Resumo: No presente trabalho apresentamos de que forma posicionar-se frente à realidade de maneira filosófica. A filosofia, neste texto, deixa de pertencer aos grandes filósofos, aos intrincados e complicados sistemas filosóficos, passando a ser uma responsabilidade de todos aqueles que se sentem, enquanto cidadãos, responsáveis sobre os problemas da *polis*, da sociedade, da humanidade.

Palavras chaves: filosofar, atitude, crítica

Abstract: The current work presents how to take a position in front of the reality on the philosophic way. The Philosophy, in this text, is not more about the great philosophers, or the complicate and intricate philosophic systems, but it passes to be a responsibility of everybody that feels, while citizen, responsible for the problems of the *polis*, societies, humanity.

Key words: to philosophize, attitude, criticism

Introdução

Filosofia é antes de tudo uma atitude, um posicionar-se frente à realidade de forma crítica e responsável. Filosofar é enxergar o mundo, o homem, as relações sociais, o trabalho, a cultura com os próprios olhos. Não filosofar é ver as coisas que estão em torno de si sob a ótica do “outro”, é não formar a própria opinião sobre as coisas. Para ver a realidade com os próprios olhos e fazer um exame crítico dela é preciso antes de tudo ir além do olhar, ou de simplesmente pensar nela, é preciso conhecê-la em todas as suas formas, é necessário ser um amigo do saber, um *filo* amigo, *sofo* saber. A filosofia como olhar crítico frente à realidade, enquanto leitura crítica e responsável, racional, sistemática, radical, e

metódica surgiu na Grécia à 2.500 anos atrás, lugar e momento em que o homem valorizava a vida de sua sociedade acima de si mesmo. Comportamento que era uma forma de posicionar-se sobre a vida na *polis* (Cidades-Estados) e da sociedade que se firmava em contraposição à visão mítico-poética, que predominava na política e na ética das *polis* gregas.

Os filósofos da Grécia se autodenominavam, amigos do saber, pois não queriam se considerar sábios. Os sábios segundo eles seriam aqueles que por serem sábios tudo sabiam e assim não precisariam mais buscar novos saberes. Sócrates, considerado na Grécia como o mais sábio dos homens, quando soube disso replicou: como posso ter sido considerado o homem mais sábio da Grécia se apenas **sei que nada sei**. Ora, aí está o fundamento de ser **filo, sofo**, e não apenas um sofo. Um filósofo estará sempre investigando, ao se deparar com novos desafios ao conhecimento, enquanto que o sábio, sabe, e ponto final.

Mas, o que investigar?

Ao filósofo é preciso que se investigue, questione tudo aquilo que está à nossa volta, ao redor de nossas vidas. Talvez por isso os filósofos que a tudo querem questionar e criticar não são muitos bem vistos. Por essa característica de estar sempre refletindo sobre tudo que está à sua volta, nunca fazendo algo sem antes parar para pensar sobre o que irá fazer, é que dizem ser os filósofos homens que vivem nas nuvens. Aliás, um escritor de peças de teatro, Aristófanes, que viveu na Grécia antiga, contemporâneo do filósofo Sócrates, escreveu uma comédia chamada *Nuvens*, na qual coloca em cena, aquele considerado como o pai da filosofia, como um charlatão que vive em um cesto, pendurado no alto de uma casa, sustentado pelos seus discípulos e que dorme, come e fala apenas bobagens. Vejamos um pequeno trecho da peça, pois é possível sentir o desprezo pela filosofia e pelos filósofos por parte dos governos e sociedades autoritárias logo no seu nascimento:

o Pai, Estrepsíades, e o filho, Fidípedes, estão dormindo em uma casinha na cidade grega de Atenas que fica em frente ao "pensatório" de Sócrates.

ESTREPSÍADES: Não, de modo algum, nem me fales nesse hípico! Esse deus é o causador das minhas desgraças! Mas, se por acaso você gosta de mim, de verdade, do fundo do coração, meu filho, obedeça!

FIDÍPIDES: Mas precisamente em que devo obedecer-lhe?
ESTREPSÍADES: Mude logo os seus hábitos e vá aprender o que eu aconselhar.
FIDÍPIDES: Então fale, que ordena?
ESTREPSÍADES: E você obedecerá um pouquinho?
FIDÍPIDES: Sim, por Dionísio, obedecerei.
ESTREPSÍADES: Olhe ali (aponta a casa de Sócrates). Você está vendo aquela portinha e aquele casebre?
FIDÍPIDES: Estou vendo. Papai, de fato o que é aquilo?
ESTREPSÍADES (Declamando.): De almas sábias é aquilo um "pensatório". . . Lá moram homens que, quando falam do céu, querem convencer de que é um abafador, que está ao nosso redor, e nós. . . somos os carvões! Se a gente lhes der algum dinheiro, eles ensinam a vencer com discursos nas causas justas e injustas.
FIDÍPIDES: Mas quem são eles?
ESTREPSÍADES: Não sei ao certo seu nome. (Solenemente.) São pensadores meditados, gente de bem!
FIDÍPIDES: Ah! Já sei, uns coitados! Você está falando desses charlatães, pálidos e descalços, entre os quais o funesto Sócrates e Querefonte. . .¹

Dizem, também, que os filósofos são aqueles seres que tudo complicam, e seus discursos são inatingíveis, sem fim, que se fossem cozinheiros transformariam arroz e feijão em algo indecifrável. E, mais ainda, que a filosofia é algo sem a qual e com a qual fica tudo tal e qual. Ou seja, que filosofia é algo inútil.

O poeta português Fernando Pessoa (1888-1935), escreveu, sob o pseudônimo de Alberto Caieiro, em *Poemas Inconjuntos* (1913-1915) algo interessante sobre este pensamento da filosofia como algo inútil que, creio, seja importante refletirmos neste momento:

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há idéias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave (adega)
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
que nunca é o que se vê quando se abre a janela.²

¹ Aristófanes. *As Nuvens* seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução de Gilda Maria Reale Strazynski. - 4 ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1987. (coleção pensadores)

² Fernando Pessoa, *Poemas Inconjuntos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1977. P. 231

Parece-nos, nestes versos (filosóficos), que a filosofia é algo “inútil” sem a qual é melhor viver. Mas, se nós observarmos atentamente esta maneira de pensar (de filosofar) do poeta, é uma maneira de posicionar-se criticamente frente ao pensamento inútil, apartado da realidade. No dizer do poeta, esta filosofia é aquela em que o homem fica fechado em seu mundo das idéias, do pensamento, em seu quarto escuro, como se ele não fosse um ser, mas uma cave (adega), num lugar escuro, fechado, pensando na vida, enquanto a vida passa, ou acontece (num mundo) para fora da janela.

A filosofia que surgiu na Grécia é justamente aquela do pensador que escancara as janelas para a sua realidade e que toma uma atitude e não silencia frente os problemas da realidade. O filósofo é aquele ser que se preocupa com sua realidade e busca conhecer todos os problemas que possam existir. Sócrates, o pai da filosofia, refletia sobre sua cidade, Atenas, sua sociedade e perturbava a muitos com suas reflexões, com os debates que mantinha com os jovens sobre a política, a economia, enfim com a forma como os poderosos governavam, administravam autoritariamente a *polis*. Talvez por isso mesmo tenha sido ridicularizado por Aristófanes aliado dos poderosos.

O filósofo dos nossos dias, como Sócrates, é aquele que, por exemplo, não se fecha em uma adega, mas sim abre as janelas de sua casa para denunciar a morte do rio Tietê por falta de tratamento adequado de esgotos ou diante de atitudes irresponsáveis de algumas indústrias poluindo o ar, destruindo o meio ambiente, de políticos preocupando-se com seus próprios interesses e de seus grupos deixando de lado as questões importantes para a comunidade que o escolheu como seu representante; da maneira anti-ética com que muitos empresários, médicos, advogados, juízes exercem suas profissões etc. O filósofo de verdade questiona as verdades da televisão, dos jornais, dos livros, dos filmes e se uma novidade aparece, ele quer logo conhecer suas bases, seus princípios. Se um amigo do saber se depara com um problema, ele não se acomoda enquanto não encontra um caminho para sua resolução. Se filosofar fosse ficar pensando feito um lunático na vida, ou na morte da bezerra, então o poeta, e mesmo o criador teatral teriam toda a razão, seria melhor que não se tivesse

filosofia nenhuma. Mas o filosofar que teve sua base na Grécia antiga quer investigar, questionar, transformar a realidade.

E, quem pode ser filósofo? Será que apenas aqueles que estudam filosofia é que podem ser filósofos? E o educador, o administrador de empresas, o médico, a enfermeira, a secretária, o gestor de negócios internacionais, os comunicadores estes não podem ser filósofos? Para responder a essa importante pergunta vamos ouvir um grande filósofo marxista italiano que viveu no início do século XX, Antonio Gramsci:

O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato "filosófico" bem mais importante e "original" que a descoberta por parte de um gênio filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos de intelectuais.³

O filosofar enquanto visão crítica e responsável para a realidade, que proporciona a própria concepção de vida e não aquela que as classes dominantes querem fazer acreditar, não é apenas para os escolhidos “os filósofos”, mas, tem que estar presente na vida de todo ser humano, já que ele tem que ter o seu próprio olhar questionador, investigativo frente a sua vida e de sua sociedade. O administrador de empresas, o contador, o educador... tem que ser um amante do saber, estar sempre às voltas com o conhecimento, seja em relação a sua profissão e como cidadão preocupado com a vida em sua cidade, sociedade. E, afinal, não é justamente filosofia o que faz Pessoa em seu poema ao dizer para seus leitores: - abandonem o mundo do pensar pelo pensar, ou seja, deixem de trancar-se no quarto escuro das idéias abstratas, afastadas da realidade e abram as portas do pensamento para refletir sobre a vida que está acontecendo para além da janela. Para filosofar sobre os problemas da realidade, da vida.

A realidade impõe aos seres humanos problemas a serem resolvidos. É, justamente o pensar e voltar atrás no pensamento, refletir, sobre os problemas

³ apud em Marcos Francisco Martins, *Sobre o Valor ético-político e pedagógico do senso comum e da filosofia em Gramsci [sd]. (texto)*

que se colocaram no caminhar da humanidade que fez o ser humano desenvolver-se. A existência humana transcorre normalmente, segue seu curso, até que se depara com algo que lhe obriga a refletir. Esse algo, o problema, exige dos seres humanos uma atitude que não é habitual e espontânea, no dizer de Demerval Saviani:

[...] o homem é levado, é obrigado mesmo, a se deter e examinar, procurar descobrir o que é esse algo. E, é a partir desse momento que ele começa a filosofar. O ponto de partida da filosofia é, pois, esse algo a que damos no nome de problema. Eis, pois, o objeto da filosofia, aquilo de que trata a filosofia, aquilo que leva o homem a filosofar: são os problemas que o homem enfrenta no transcurso de sua existência.⁴

Esse algo, os problemas, são na visão de Saviani, as necessidades que se impõe a todos os homens no decorrer de suas existências e que deve responder com uma atitude reflexiva. Reflexão que é um re-pensar, ou ainda um pensar com consciência. Nas palavras de Saviani:

Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E isto é filosofar.⁵

Mas, todos os homens se defrontam com problemas a serem resolvidos e refletem sobre esses problemas. Pois, aí está uma grande diferença entre o refletir filosófico e qualquer tipo de reflexão. O refletir filosófico coloca algumas exigências: busca da profundidade do problema, ter rigor e ver o problema de forma global. A busca da profundidade é justamente um mergulho nas águas profundas do problema, para conhecer o que pode estar submerso. Ser radical ir por lugares totalmente desconhecidos e inseguros. Ter rigor procurar as certezas sobre o problema de forma lógica metódica sem a influência das emoções. O ponto de partida do rigor é a profundidade, proceder rigorosamente, metodicamente na procura pela raiz do problema, separando o que é apenas uma visão superficial, genérica, uma solução apressada da ciência. Ver o problema de

⁴ Demerval Saviani. *Do Senso Comum à Consciência Filosófica*. 12ª. Ed. Campinas: Autores Associados. 1996, p. 10.

⁵ Idem.

forma global vê-lo em todas as suas nuances e não apenas de maneira parcial, enxergá-lo de forma total.

No entanto, refletir sobre os problemas da vida não basta aos amantes do conhecimento. Não basta escancarar a janela e ver o rio Tietê e sua destruição, **é preciso sim, refletir e muito** sobre esta destruição, mas, principalmente, **tomar uma atitude** frente a ela. Uma atitude filosófica.

Para poder compreender melhor, apreender a realidade e posicionar-se criticamente frente à ela é preciso ser amigo do saber, isto é, ler, estudar o mais que se puder sobre o que se vê. A morte do rio Tietê, por exemplo, não tem a ver apenas com o fim de um rio que nos enjoja quando passamos na avenida marginal em São Paulo, ou que enche e inunda a casa de quem vive próximo a ele. Quando se toma uma atitude filosófica sobre esse problema, isto é quando se aprofunda nas reflexões de forma rigorosa e globalmente percebemos muito claramente que este desastre ambiental, social é resultado do (mal) comportamento humano (Ética), ou de irresponsabilidade política (dos políticos e dos cidadãos brasileiros), tem a ver com a economia (as indústrias e o emprego), com o enfeamento da cidade (estética), como também com as ciências, a biologia, a química, a física e etc.

O estado de nossa sociedade não é um ato impensado, porque é assim mesmo e pronto. A indústria que contribuiu para poluir o rio Tietê, a prefeitura que não tratou o esgoto, ou o cidadão comum que jogou seu sofá velho no rio, não fizeram isto sem saber das conseqüências. Da mesma forma que a miséria por que passa grande parte da sociedade brasileira, não foi algo que aconteceu por acaso, ou por que Deus quis. Os políticos e empresários irresponsáveis ou aquele ser que na calada da noite jogou seu sofá velho no rio fizeram isto mesmo sendo seres racionais, no entanto, não são amigos do saber, do refletir filosoficamente, não se importaram sobre as conseqüências dos seus atos para com a sua sociedade, com o planeta, enfim. E o que é ainda pior, muitos pensadores permaneceram no mundo de suas idéias, nas nuvens, sem tomar uma atitude, sem colocar os saberes em ação.

É importante sabermos que filosofar é muito mais que ser racional, que pensar, afinal, como foi dito, todos aqueles que destroem o universo (indivíduos, grupos ou sociedades) são seres racionais e muitos deles extremamente inteligentes, no entanto, conduzem suas ações para uma finalidade destrutiva. Para melhor compreender essa característica desumana da racionalidade, e sobretudo do pensar somente em si, busquemos uma ajuda do pensador Edgar Morin:

De fato, a falsa racionalidade, isto é, a racionalização abstrata e unidimensional, triunfa sobre as terras. Por toda parte e durante décadas, soluções presumivelmente racionais trazidas por peritos convencidos de trabalhar para a razão e para o progresso e de não identificar mais que superstições nos costumes e nas crenças das populações, empobreceram ao enriquecer, destruíram ao criar. Por todo o planeta, o desmatamento e a retirada das árvores em milhares de hectares contribuem para o desequilíbrio hídrico e a desertificação das terras. As grandes monoculturas eliminaram as pequenas policulturas de subsistência, agravando a escassez e determinando o êxodo rural e a favelização urbana. Como diz François Garcynsdi, "este tipo de agricultura cria desertos no duplo sentido do termo - erosão dos solos e êxodo rural" ... Desse modo, o século XX viveu sob o domínio da pseudo-racionalidade que presumia ser a única racionalidade, mas atrofiou a compreensão, a reflexão e a visão em longo prazo. Sua insuficiência para lidar com os problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas para a humanidade.⁶

O que caracteriza especialmente a espécie humana é o seu poder de transformar a natureza através do trabalho. Todo ser humano tem o poder de transformar conscientemente a natureza, fazendo uso de um instrumento que parece ser próprio dele: a razão. No entanto, como é possível perceber no texto do educador francês Edgar Morin, o homem radicalizou o uso da razão e fez com que a *racionalização abstrata e unidimensional, triunfasse sobre as terras*. Para se construir a felicidade individual, da espécie humana e das sociedades é preciso muito mais que racionalidade, ou de contar com gênios cientistas e filósofos que reflitam sobre isso, é fundamental que cada ser pense, reflita com sabedoria, que cada um de nós seja um amante, amigo do saber. Mas, sobretudo é necessário colocar em ação o resultado das análises críticas feitas sobre os problemas

⁶ *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. - 4ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

surgidos ou criados pelas sociedades que é a única maneira de se transformá-la em algo melhor.

Mas, como fazer para refletir criticamente, conscientemente?

Para se refletir com sabedoria sobre a realidade, em relação ao comportamento humano, a ética, a política, a cidadania, o trabalho, a produção, ou a estética, além do nosso próprio olhar, contamos com a ajuda das reflexões filosóficas desenvolvida ao longo da história da humanidade, tanto aquelas que estão na base da filosofia: Sócrates, Platão, Aristóteles e outros grandes pensadores que fizeram a história da filosofia, Karl Marx, Kant, Gramsci, como com poetas, músicos, escritores que são filósofos como Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque de Holanda, Millôr Fernandes, Betinho, Renato Russo entre outros. É bom lembrar que toda reflexão (poema, filme, jornal, internet, televisão, livro, HQ, revistas, música, etc.) que for crítica à realidade é filosófica.

É preciso, ainda, ler, estudar criticamente toda reflexão filosófica, (não somente aquelas dos grandes filósofos, mas também, filmes, desenhos, tv, jornais etc.) posicionar-se frente a elas de forma crítica. Para entendermos esta nova forma de atitude frente aos filósofos, continuemos com o poeta português:

Falas (o filósofo) de Civilização, e de não dever ser,
ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as coisas humanas postas desta maneira.
Dizes que se fossem diferentes sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.
Para que te quereria ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as coisas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Escuto sem te ouvir.
Se as coisas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
a querer inventar a máquina de fazer felicidade!⁷

⁷ Idem

O pensador crítico é aquele que se posiciona de forma radical, isto é, que vai à raiz, dos problemas da realidade e toma uma posição coerente e racional, mas sua posição pode e deve ser constantemente questionada, investigada. A leitura e o estudo sobre filosofia, seja um complicado texto de Aristóteles ou uma gostosa leitura de um "quadrinho" do (filósofo Millôr Fernandes), deve ser sempre um diálogo e um debate entre o locutor que diz as reflexões filosóficas (mesmo que escritas ou desenhadas) com o interlocutor que o escuta, e que sendo também um pensador crítico tem as suas próprias posições. Se isto não acontecer, aquele que escuta será sempre um ouvinte passivo e nunca um crítico ou como diz o poeta: *escuto sem te ouvir, ouvindo-te nada ficaria sabendo*, no lugar da felicidade ou das transformações necessárias ficaria o dever ser tal e qual aquilo que se ouve. Ser filósofo ou um pensador crítico, é tomar a atitude de encarar nossos problemas (pessoais e coletivos) de frente, procurando descobrir os motivos de seu surgimento e as maneiras de poder superá-los. E, sobretudo, tomar a atitude de superá-los.

Considerações Finais

Para finalizar esta minha "defesa" da filosofia como uma atitude frente aos problemas surgidos pelo caminhar da humanidade, que deve ser uma constante na vida de todo ser humano, creio seja interessante recorrer a um outro grande poeta, mas desta vez brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, em um de seus poemas mais conhecidos:

No meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas

Nunca esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho.
No meio do caminho tinha uma pedra.⁸

O ser humano, em seu caminhar pela história, em sua viagem planetária encontrou muitos desafios pela frente. Felizmente soube resolver muitos deles com sabedoria e com meticulosa atenção; cuidadosamente, conseguiu ultrapassar as pedras que se lhe impuseram ao caminho. Outras tantas vezes, no entanto, sem paciência, ou com a arrogância própria de quem pensa tudo saber, explodiu seus desafios, suas pedras, atômica e quase destruindo o caminho. Refletindo novamente com Morin:

A comunidade de destino planetário permite assumir e cumprir esta parte de antropológica, que se refere à relação entre indivíduo singular e espécie humana como um todo. Ela deve empenhar-se para que a espécie humana, sem deixar de ser a instância biológica-reprodutora do humano, se desenvolva e dê, finalmente, com a participação dos indivíduos e das sociedades, nascimento concreto à Humanidade como consciência comum e solidariedade planetária do gênero humano. A Humanidade deixou de constituir uma noção apenas biológica e deve ser, ao mesmo tempo, plenamente reconhecida em sua inclusão indissociável na biosfera; a Humanidade deixou de constituir uma noção sem raízes: está enraizada em uma "Pátria", a Terra, e a Terra é uma Pátria em Perigo. A Humanidade deixou de constituir uma noção abstrata: é realidade vital, pois, está doravante, pela primeira vez, ameaçada de morte; a Humanidade deixou de constituir uma noção somente ideal, tornou-se uma comunidade de destino, e somente a consciência desta comunidade pode conduzi-la a uma comunidade de vida; a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo, uma noção ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um⁹

O ser humano tem que ter consciência de que é parte integrante de um universo, que com ele se harmoniza, se equilibra. Ao tomar atitudes impensadas, ou egoístas para resolver os problemas (as pedras que lhe travam o caminho), ao se omitir, ficar fechado em seu quarto escuro, ainda aceitar tudo que lhe aflige

⁸ Carlos Drummond de Andrade, *Uma pedra no meio do caminho*: Rio de Janeiro: C.D. Andrade, 1967

⁹ Edgar Morin, op. cit., p 114.

sem questionar, criticar, coloca em desequilíbrio o universo. O indivíduo que na calada da noite, às ocultas, joga seu sofá velho nas águas do rio, porque ninguém está vendo, deveria saber que esse ato se voltará contra ele e toda a sua comunidade, mesmo que ele tenha se deslocado muitos quilômetros de distância de sua casa. Ainda que consiga colocar seu sofá velho, juntamente com o lixo atômico, a ser jogado para fora da órbita terrestre.

Para termos idéias deste destino planetário de todos os seres basta voltarmos a pensar no pobre rio Tietê que ao passar pela região metropolitana de São Paulo recebe em suas águas outrora cristalinas, todas as descargas de irracionalidade (no sentido de não reflexão) e irresponsabilidade humana. Carrega consigo este peso por todo o Estado de São Paulo livrando-se dele, juntamente com os venenos e descuidos dos agricultores interioranos, no rio Paraná. Esse pobre coitado, junta às suas águas e às misérias de sua própria existência, as águas do fétido Tietê. O rio Paraná torna-se um mar de sujeira e se junta ao rio da Prata, prata pois por aí passavam as embarcações com esse valioso metal extraído pelos colonizadores espanhóis, atualmente reflexo das escamas dos peixes mortos na superfície de suas águas e em seguida, deságua no Oceano Atlântico. Sujeiras que viajam por mares densamente navegados e emporcalhados com os vazamentos dos navios de petróleo e de outros agentes destruidores e permanentes, juntam suas águas, no cabo da Boa Esperança, ao Oceano Índico e mais tarde ao Pacífico. Pacífico que banhará o litoral das Américas e que certamente recolocará nos rios das Américas todas as porcarias que carregara em suas águas. E, assim, *como todo rio é um braço que se abraça*, lembrando a fala do poeta, todo egoísmo e irresponsabilidade (**des**) humana descarregada nas águas do pobre Tietê, certamente, o encontrarão um dia, novamente.

Enquanto a humanidade estiver caminhando muitas pedras encontrará. Se cegar-se sobre os desafios a serem resolvidos, ou se passar por cima da pedra, sem refletir filosoficamente, poderá acontecer o mesmo que aconteceu com o rio Tietê, a destruição.

Talvez, no entanto, um dos desafios mais difíceis para a humanidade resolver é que o caminhar dos seres pela história, essa viagem planetária pelo universo, diz respeito à humanidade toda, e as pedras que encontra e encontrará, assim como a sua solução é da humanidade inteira e **não somente** de cada ser ou de um pequeno grupo.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Uma pedra no meio do caminho*: biografia de um poema. Apresentação de Arnaldo Saraiva, seleção e montagem, Carlos Drummond de Andrade - Rio de Janeiro: C.D. Andrade, 1967

Aristófanis. *As Nuvens* seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução de Gilda Maria Reale Strazynski. - 4 ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1987. (coleção pensadores)

Martins, Marcos Francisco. *Sobre o Valor ético-político e pedagógico do senso comum e da filosofia em Gramsci* [sd]. (texto).

Morin, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. - 4ed. - São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

PESSOA, Fernando (Alberto Caieiro). *Poemas Inconjuntos* in Fernando Pessoa obra poética. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1977.

SAVIANI, Demerval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 12 ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 1996. - (Coleção educação contemporânea)

SÓCRATES. *Introdução em Diálogos*, seleção de textos de José Américo Motta Pessanha, tradução e notas de José Cavalcante de Souza; 4^a ed., São Paulo : Nova Cultural [coleção pensadores], 1987.

O autor:

Este texto foi apresentado no Simpósio de ensino de Filosofia na PUC do Paraná em Curitiba, Abril de 2003.

Paulo Romualdo Hernandez é professor de Filosofia e Ética, Filosofia da Educação, Metodologia do Trabalho Científico, na UNOPEC - Sumaré. Graduado em Filosofia, mestre e doutorando em Educação na área de Conhecimento, Linguagem, Educação e Arte pela Faculdade de Educação da UNICAMP. email prhernandes@uol.com.br